



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6207 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NA I
CONFERÊNCIA ESTADUAL DO ENSINO PRIMÁRIO – SANTA CATARINA (1927): “A
CHAVE DE OURO QUE ABRE AS PORTAS DA SCIENCIA”

Solange Aparecida de Oliveira Hoeller - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

**MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NA I
CONFERÊNCIA ESTADUAL DO ENSINO PRIMÁRIO – SANTA CATARINA (1927):
“A CHAVE DE OURO QUE ABRE AS PORTAS DA SCIENCIA”**

Este trabalho apresenta uma análise acerca do *método analítico* para o ensino da leitura e escrita, em discussão com o proposto na I Conferência Estadual do Ensino Primário (ICEEP-SC), ocorrida em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, no ano de 1927.

Parte do título propõe o método analítico como “*a chave de ouro que abre as portas da sciencia*”. Expressão esta que consiste na *tese oficial* proposta pelos organizadores e que orientava a elaboração das *(sub)teses* a serem apresentadas na ICEEP-SC e que também instigou a questão desta investigação: Como compreender o destaque do método analítico na ICEEP-SC como a base científica para o ensino da leitura e da escrita, no Brasil, no final dos anos de 1920?

O percurso teórico metodológico tomou elementos das nove *(sub)teses* apresentadas na ICEEP-SC, interpretando o *método analítico* – oriundo dos processos intuitivos – na perspectiva do *ensino ativo* ou *intuitivo* que previa a atividade da criança pelo interesse que deveria despertar, porém, situado em um *plano lógico de técnicas* organizado pelo adulto – passos formais –, para colocar em ação um programa de ensino, em contraposição ao que se denominava de método sintético (ABC, silábico, fonético).

Aguayo (1932, p. 311) explicitou que o “criador do método analítico na aprendizagem da leitura foi o professor francês, José Jacotot, que expos suas teorias didáticas no livro intitulado *Ensino Universal da Língua Materna* (1822)”. Esta proposta foi sendo aperfeiçoada, com o passar do tempo, por outros autores e pesquisadores que procuraram contemplar tanto aspectos biológicos quanto intelectuais ou psicológicos (interesse ou motivação) para, romper com antigas concepções educacionais, em relação à leitura e escrita que, durante séculos, foram ensinadas “exclusivamente pelo detestável método do A B C”.

O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* situou o chamado “movimento de renovação educacional”, a partir da década de 1920, afirmando que, à luz dos problemas

nacionais, nenhum se sobrepunha em importância e gravidade maior que o da educação. E, sob a inspiração de novos ideais, indicou, dentre outros aspectos, que os nossos métodos de educação continuavam a ser tão prodigiosamente rotineiros, enquanto no México, no Uruguai, na Argentina e no Chile, para só falar na América espanhola, já se operavam transformações profundas no aparelho educacional, reorganizado em novas bases (AZEVEDO, 2010, p. 35).

Carvalho (2003, p. 228) analisa que Sampaio Dória inverteu o programa que Caetano de Campos – responsável por reformas na área educacional de São Paulo no final do século XIX e início do XX – havia estabelecido, também sob as bases do método intuitivo para a formação do cidadão republicano.

Coelho (2008, p. 145) informa que nas escolas primárias paraenses o método intuitivo já estava oficialmente previsto desde 1910 e continuou a prevalecer ao longo das próximas duas décadas. Aliado a isso, observa que, no ano de 1931, o governo do Pará deu nova organização para o ensino primário, indicando o método analítico da sentencição para o ensino da leitura.

O método analítico foi pauta de debate no interior da Sociedade de Educação de São Paulo quando, em 1924, foi discutido ao longo de nove semanas, cujas polêmicas foram publicadas na Revista da Sociedade de Educação, n. 5 e n. 6, daquele ano (NERY, 2009). Esta autora anota que também ocorreram debates em torno do método analítico na Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1928, com o proferimento de palestra, causando agitação entre os que defendiam e os que se opunham integral ou parcialmente ao debate. Todavia, a discussão mais acirrada, aconteceu após a III Conferência Nacional de Educação, proposta pela ABE, quando o professor Sud Mennucci escreveu um artigo, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, intitulado *A Escola Paulista*. Nas análises de Nery (2009), Sud Mennucci tomou como eixo o método analítico, fazendo elogios à escola paulista, elevando a ação dos professores ao mesmo tempo em que afirmou que se poderia considerar que, em São Paulo, existia a escola ativa desde 1911, com início na administração de Oscar Thompson, pela introdução do método analítico-sintético para o ensino da leitura.

A primeira temática tratada pela ICEEP-SC, desde a sua organização, foi relacionada com as questões de método de ensino (SANTA CATHARINA, 1927a).

Orestes Guimarães, antes de assumir a função de organizar a ICEEP-SC e de (re)organizar a instrução pública catarinense (1910), já defendia os preceitos relativos aos métodos de ensino, relacionados com a postura didática e formação do professorado. A partir do ano de 1909, quando esteve à frente do Colégio Municipal de Joinville (SC), declarou as ações realizadas, defendendo que “resumindo todos os processos exarados no dito Programma, posso dizer que elles obedecem, com variantes de forma, ao processo intuitivo” (SANTA CATHARINA, 1909, p. 20).

A tese oficial (n. 01) da ICEEP-SC, sobre o método analítico do ensino de leitura proposta por Orestes Guimarães, não foi abordada por ele e, sim, por outros nove conferencistas que, na qualidade de professores – alguns na função de diretores de grupos escolares – apresentaram, segundo registros nos Anais da ICEEP-SC, as teses do número onze ao dezenove: Adriano Mosimann (t. 11), Marcílio Dias de Santiago (t. 12), Beatriz de Souza Brito (t. 13), Floscula de Queiroz Santos (t. 14), Herminio Heusi da Silva (t. 15), Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho (t. 16), José Pontes (t. 17), Germano Lauer (t.18), Fernando Steinhauer (t. 19).

A eficácia do método em questão foi analisada contrapondo-se ao que se denominava de método sintético (ABC, silábico, fonético), cuja concepção central para a aplicação é

iniciar das partes (letras, sílabas, fonemas) para o todo (palavras e sentenças). Em sentido contrário, o método analítico apresentava sua centralidade no todo, principiando por palavras ou sentenças para depois estudar os componentes fonéticos. Iniciando por palavras, pode ser identificado como *método da palavração* ou *método de palavras geradoras ou normais*; e iniciando por sentenças/frases/orações pode ser denominado de *método de sentenças*, ou *método da sentencição*.

Adriano Mosimann (t. 11) – Diretor do Grupo Escolar Luis Delfino e da Escola Complementar anexa, localizados em Blumenau – inicia suas discussões referindo-se que não foi sem intuito que “(...) o muito ilustre professor Orestes Guimarães, preclaro Inspector Federal das Escolas Subvencionadas deste Estado, collocou em primeiro logar a tese” acerca do método analítico do ensino da leitura composta por duas questões distintas, todavia, estreitamente articuladas: *Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo anallytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?*. Afirmava Adriano Mosimann que “o grande pedagogo, penso, procedeu assim na classificação das teses, porque visava dar a cada assumpto o logar que pela importância lhe convem”. (SANTA CATHARINA, 1927b, p.177).

Em continuidade, Adriano Mosimann (t. 11), na ICEEP-SC, fundamentou que o ensino da leitura e, na sequência, o da escrita, não poderiam se limitar à arte de reconhecer e pronunciar as palavras escritas, sabendo pronunciá-las corretamente, sem assimilar o sentido contido nas mesmas e isto, o método sintético não permitiria, pois somente o método analítico possibilitava a expressão pela leitura do pensamento e sentimento das palavras apreendidas (SANTA CATHARINA, 1927b).

Na acepção de José Pontes (t. 17) o método sintético se pautava pela “abstração e incompreensibilidade que são as letras do alfabeto, inteiramente desconhecida da criança em idade escolar”, pois as lições são sempre repetitivas e “todos os dias está o professor a martelar: a, b, c, d, etc...” (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 211).

Beatriz de Souza Brito (t. 13) qualificou o método sintético como “methodo rotineiro de soletração que acarretava prejuizos de habitos e tempo, alem da sua fastidiosa monotonia de uma cantilena de letras e syllabas fora de todo elegancia e vivacidade”. Ainda, para se ensinar nesta concepção, o aluno levaria um ano ou até mais para aprender a ler, enquanto que “uma criança intelligente e aplicada” poderia aprender rapidamente em quatro ou cinco meses com o método analítico. Mas, caso a criança com sete anos, por alguma “anomalia physica ou intellectual” não pudesse aprender em alguns meses, certamente o aprenderia ao curso de um ano, o que não aconteceria por meio dos processos sintéticos.

Outra forma de referendar o método analítico, segundo a autora, Beatriz de Souza Brito (t. 13) – que esteve em sintonia com a tese (t. 2) de Antônio Tupy Pinheiro na ICNE-ABE – foi o destaque dado à *Cartilha doprofessor Mariano de Oliveira* que, segundo ela, era baseada nesse método e vinha produzindo bons resultados aos professores que processavam o ensino das primeiras letras, utilizando como base esta cartilha (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 198).

Além dos alicerces apoiados na contraposição entre os métodos analítico e sintético, apregoava-se nas teses da ICEEP-SC a orientação alicerçada nas ideias dos que eram tidos como “grandes pedagogos” ou da moderna pedagogia, advindas dos processos intuitivos ou da educação dos sentidos, apoiados na ciência da psicologia.

Para explicitar, cientificamente, suas intenções sobre as vantagens do ensino da leitura pelo método analítico, Adriano Mosimann (t. 11) defendeu que era “(...) difícil persuadir o reclame das reaes vantagens deste methodo, porque essas só podem ser explicadas á luz da

Psycologia, sciencia quase desconhecida em nosso meio” e, dentre as suas referências, citou *Emerson E. White* (s.d), o qual denominava o autor de *A arte de ensinar* todos os métodos de leitura. Alertou que “a Pedagogia moderna, estribada em dados seguros da Psycologia Infantil, condemna, com razão o emprego de todo e qualquer methodo synthetico, no primeiro anno preliminar” (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 178; 180). Era preciso render-se aos mestres e pedagogos que sem temor às críticas, colocavam em evidência várias “(...) disciplinas cujos processos intuitivos aprovados e usados com avantajados resultados”. Dentre eles, Beatriz de Souza Brito (t. 13), citou o *grande pedagogo Calkins* - Norman Allison Calkins (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 197).

Entretanto, nem todos os conferencistas se rendiam completamente aos propósitos do método analítico. Apesar disto, todos reconheciam o teor de cientificidade que a discussão exigia. Com certa resistência, posicionou-se Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho (t. 16), acerca do método analítico, todavia, se mostrou acorde com outros conferencistas que admitiram que a maioria dos *pedagogos modernos* defendia o método analítico como o mais apropriado de ser seguido.

Marcílio Dias de Santiago (t. 12) tratou com algumas ressalvas o método analítico e observou que não se atreveria a combatê-lo incondicionalmente, pois para tal era “(...) mister penetrar a fundo os emaranhados princípios psicologicos de que se socorrem os propugnadores do método” que, segundo ele, explicavam de modo competente as exigências do “espírito infantil” (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 194).

Em geral, as teses da ICEEP-SC vinculavam-se a confirmar o que observara José Pontes (t. 17) ao definir que o “(...) methodo analytic é um methodo científico”, de modo que esta cientificidade era esclarecida pela psicologia e por aquilo que era próprio e específico ao método analítico (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 211). Os citados estudos da criança, sob o ponto de vista psicológico, contido nas teses de José Pontes (t. 17) e de Adriano Mosimann (t. 11), confirmavam que a mesma adquiria “todos” os seus conhecimentos acerca do mundo exterior, por intermédio dos sentidos. Para os autores não bastaria instruir as crianças, repassando a elas os conteúdos relacionados ao ensino da leitura e da escrita, fosse somente isto, poderia ser feito pelo método em reprovação – o sintético. Era necessário educar os sentidos das crianças pela aplicação do método defendido por eles. Adriano Mosimann acastelava, sobretudo, o método analítico da sentencição, apoiado na pedagogia e na psicologia, elementos fundamentais das suas concepções.

Na aplicação do método analítico da sentencição, Adriano Mosimann (t. 11) defendeu que na *Primeira Fase* (Palestras) o professor deveria se utilizar de estampas (figuras, desenhos) e objetos que despertasse a atenção das crianças pelo colorido, forma, tamanho, etc para exercitar os sentidos dos alunos. Para efeito, o professor mostraria uma estampa aos alunos e perguntaria o que ela representa e, fazendo uso do *sentido da visão*, o aluno responderia, ao passo que o professor faria o registro no quadro e o aluno *vê que o giz diz* a mesma sentença – daí o método da sentencição – que ele pronunciou. No próximo passo, o aluno lê (repete) a sentença e utiliza a *visão* e o *tato* (*pelo movimento da boca*), ao mesmo tempo em que ouve seus colegas lerem (*sentido da audição*) e, em seguida, o aluno escreve (copia) utilizando novamente a *visão* e o *tato* (SANTA CATHARINA, 1927b).

Asseverou Adriano Mosimann, dialogando com M. Bonfim (1915), que o engendramento citado e a impressão repetida das imagens – pela *visão*, *audição* e *tato* – no cérebro da criança, pretendia fazer com que ela retivesse, sem esforço ou esforço quase nulo, a aprendizagem pretendida e isto seria de grande importância, “(...) visto que a criança de 7-8 anos de idade não ser capaz de grande esforço mental, sem ficar cansada”. O conferencista recorreu também a “*ilustrados professores*” do Estado de São Paulo para defesa

do método analítico que, na percepção dele, haviam realizado investimentos interessantes com resultados bastante significativos. Dentre eles figuraram Arnaldo Barreto (1923) e Theodoro Moraes (1920) cujas obras didáticas eram tidas como referências para aplicação do método analítico (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 185).

A partir da própria experiência, foram as argumentações do professor Herminio Heusi da Silva (t. 15), diretor do Grupo Escolar Jerônimo Coelho (cidade de Laguna/SC). O professor narrou sua atuação em uma escola isolada, ao longo de quatro anos, na qual, nos primeiros meses, investiu no método analítico tendo de retomar ao sintético, pois sua experiência era limitada no primeiro e, além disso, as famílias, em casa, auxiliavam as crianças no processo da silabação. Isto, segundo ele, causava certo descompasso entre o que se propunha na escola e o que era praticado em casa. Inclinou-se a defender que, de modo geral, os alunos que aprendiam com o “(...) methodo analytic, ao fazerem um pequeno dictado vacilam um pouco, ao passo que os do processo da syllabação desde as primeiras lições, encontram facilidade em escrever qualquer palavra” e assegurou que só veio a colher resultados satisfatórios quando trocou do método analítico para o sintético (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 205).

Para a professora Flóscula de Queiros Santos (t. 14), diretora de grupo escolar, o método analítico só daria resultados positivos se aplicado por professores que tivessem “exacta compreensão desse methodo e da sua profissão de educador”, caso contrário seria um desastre, o que para ela não ocorreria com o “methodo da syllabação que é muito mais aproveitável e racional”. Afirmou ainda que os “colegas que fazem do magistério um meio de vida, darão menos prejuízo a instrução porque a creança quase por si só aprende, servindo-lhes tais professores simplesmente de um fraco guia”. (SANTA CATHARINA, 1927b, p. 203).

A partir das discussões das *teses* desta análise, conclui-se que Adriano Mosimann, Beatriz de Souza Brito e José Pontes defenderam o método analítico como o mais indicado, com possibilidade de aplicá-lo nas escolas primárias catarinenses, praticamente, sem restrições; Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho, atribuía grandes vantagens ao método analítico, fazendo algumas ressalvas quanto à aplicação do mesmo nas escolas rurais por não possuir experiência neste tipo de escola. Marcílio Dias de Santiago e Flóscula de Queiros Santos, reconheciam a propriedade do método analítico, mas optavam pelos procedimentos sintéticos, uma vez que a eficácia estaria ligada ao conhecimento dos professores na outra concepção e não se poderia confiar nisso, naquele momento. Herminio Heusi da Silva oscilava entre os dois posicionamentos: ora defendia o método analítico ora os processos sintéticos da silabação.

As justificativas que compunham as propostas em defesa do método analítico na ICEEP-SC, eram orientadas pelos ditames do que se defendia cientificamente, encontrando a psicologia como determinante para compor o campo da pedagogia, bem como estiveram apoiadas no sentido da circulação de ideias advindas de autores brasileiros e de outros países, tidos como referências pelos proponentes das teses, isto tanto em simpatia como em resistência ao método analítico. Outro elemento de apoio às propostas, era a própria prática dos conferencistas ou do que haviam observado diretamente nas escolas, pela aplicação dos dois métodos contrapostos – o analítico e o sintético.

Nas conclusões gerais ao final da ICEEP-SC, quanto ao método a ser empregado nas escolas primárias, constata-se que, em termos gerais, as teses encaminhadas apontaram o método analítico como válido, porém distinguiam-se em particularidades das vantagens da aplicação e generalização do mesmo.

Vale esclarecer que entre os proponentes desta temática, até mesmo os que afiançavam

o método analítico como o mais apropriado, todos foram unânimes em afirmar que as vantagens e generalização do mesmo estavam ligadas ou até mesmo impossibilitadas pelo (des)preparo e (des)conhecimento da concepção desta metodologia pelo professorado. Isto se refere, incontestavelmente, à postura dos professores que faziam ou viessem a fazer uso do método analítico como ponto crucial para o êxito da aplicação de mesmo. A eficácia ou não do método analítico estava, irremediavelmente, ligada à formação e preparo do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Método analítico. Ensino Primário. Conferência de Ensino (SC).

REFERÊNCIAS

AGUAYO, A. M. **Didáctica da Escola Nova**. Trad. J. B. Damasco Penna e Antônio D'Ávila. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

AZEVEDO, F. (et al). **Manifestos dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores 1959**. Recife: Massangana, 2010.

BARRETO, A. **Cartilha analytica**. 23. ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte Livraria Francisco Alves, 1923.

BONFIM, M. **Lições de pedagogia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915.

CARVALHO, M. M. C. **Reformas da instrução pública**. In. LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, 2003.

COELHO, M. O. **A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940)**. Programa de Pós-graduação em Educação. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MORAES, T. **Meu Livro. 1º ano**. 9. ed. São Paulo: Augusto Siqueira & Comp., 1920.

NERY, A. C. B. **A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

SANTA CATHARINA. GUIMARÃES, Orestes de Oliveira. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Superintendente Municipal de Joinville, pelo director em comissão Orestes de Oliveira Guimarães, de 20 de abril de 1909.

SANTA CATHARINA. Regimento Interno da Conferência de Ensino Primário. Gabinete da Imprensa Official. Florianópolis, 1927a.

SANTA CATHARINA. Annaes da 1ª Conferência Estadual do Ensino Primário. 31 de julho de 1927. Florianópolis, Off. Graph. da Escola de Aprendizes de Artífices, 1927b.

WHITE, E. E. **A Arte de Ensinar**. Um Manual para mestres, alunos e para todos que se interessem pelo verdadeiro ensino da mocidade. Vertido do inglês por Carlos Escobar, a convite do Exmo. Sr. Dr. Oscar Thompsom, Diretor Geral do Ensino em São Paulo, (Brasil). São Paulo: Siqueira Nagel & Comp. s. d.

